



O ACOMPANHAMENTO FAMILIAR NAS ESCOLAS RURAIS MULTISSERIADAS DE FRANCISCO BELTRÃO (1948 – 1981)

Carla Cattelan ¹

RESUMO

O presente texto faz parte da pesquisa desenvolvida no Mestrado em Educação, da qual teve ênfase na escola multisseriada rural de Francisco Beltrão (1948-1981)². O fragmento tem o objetivo de discutir o acompanhamento da família nas escolas rurais multisseriadas e a disciplina em sala de aula entre os anos de 1948 e 1981. O ano de 1948 marca o início da educação em Marrecas/Francisco Beltrão promovida pela CANGO – Colônia Agrícola Nacional General Osório e o ano de 1981 marcou o início do período de fechamento das escolas rurais multisseriadas que perdurou até a década de 1990. Justifica-se na busca pela compreensão das instituições escolares e sua organização no meio rural, no que compete a participação da família nas atividades escolares bem como a organização disciplinar na sala de aula. O trabalho utiliza como metodologia a articulação de memória oral docente e fotografias do período. Traz como resultado a efetiva participação dos pais no que compete a educação dos filhos, bem como a disseminação de valores e comportamentos que contribuem para a disciplina em sala de aula.

Palavras-chave: Escola Rural Multisseriada; Família; Disciplina Escolar.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo do fragmento é discutir e analisar o acompanhamento familiar e a disciplina em sala de aula nas escolas rurais multisseriadas de Francisco Beltrão-PR, no período de 1948 a 1981. Destacando assim, elementos organizacionais da escola primária rural, seu funcionamento e a relação com as experiências e práticas dos sujeitos com a terra e o lugar. Ou seja, significando o conhecimento produzido.

O trabalho se torna relevante por compreender a importância que a escola rural multisseriada teve para o lugar. Operando em simbiose com a vida na comunidade, com os valores e a cultura transmitidos de geração para geração.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.. Professora colaboradora no Colegiado de Pedagogia da mesma instituição e professora pedagoga SEED-PR. Membro do grupo de pesquisa HISTEDOPR e GEPHIESC. E-mail: carla.ccattelan@gmail.com

² Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Unioeste – Campus Francisco Beltrão, intitulada: “Educação rural no município de Francisco Beltrão entre 1948 a 1981: a escola multisseriadas” (2014).



Desta forma, buscamos por meio dos relatos orais de docentes³, fotografias, pesquisa dissertativa de Cattelan (2014) e bibliografias disponíveis, discutir sobre o tema, de forma a resgatar a historiografia das instituições escolares rurais que desenvolviam o trabalho com classes de 1ª a 4ª séries em um ensino multisseriado e unidocente.

O trabalho com as Instituições Escolares Históricas nos indica que, além de terem promovido a formação do sujeito frente ao conhecimento, também se tornaram espaços privilegiados de construção de identidades. Pois foram permeados por relações sociais de diferentes discursos e práticas. As memórias escolares nos permitem compreender aspectos pertinentes a cultura escolar e a construção da identidade de uma dada comunidade.

Desta forma, a memória, principalmente a docente, se torna de suma importância para o processo de compreensão da temática abordada, pois possibilita romper com uma linearidade do cotidiano escolar que se apresenta, muitas vezes, mecanizado ou normatizado. Esta narração da memória se apresenta como possibilidade de entrelaçar e partilhar experiências que até então estavam esquecidas, ou ignoradas pelo tempo.

Desta forma, tomamos como base para a discussão e a relação com as fontes primárias e a memória individual. Apesar de suas particularidades, a memória individual, ou seja, neste caso a docente, se entrelaça a uma memória de tempo, de grupo e de comunidade. Segundo Meihy (1996, p. 50) “toda narrativa é sempre e inevitavelmente construção, elaboração, seleção de fatos e impressões”. Desta forma compreendemos que a “[...] narrativa para a história oral é uma versão dos fatos e não os fatos em si, pois estes se apresentam a partir de um ponto de vista, ou seja, do sujeito que os conta, [...] portanto, como discurso em eterna elaboração” (MEIHY, 1996, p. 50). Desta forma, o foco do trabalho é o olhar dos sujeitos e o acompanhamento da família na escola rural.

2. METODOLOGIA

O presente fragmento apresenta como proposta metodológica a discussão amparada por Meihy (1996) sobre relatos orais, especificamente sobre relato oral na educação e as contribuições para a construção de uma narrativa histórica sobre a educação. A metodologia segue o entendimento dos relatos orais dos docentes, como: Bedin (2013), Padilha (2013), Scotti (2013) e Vieira (2013), atrelado a fontes históricas, fotografias e referencial bibliográfico.

³ Os relatos orais estão disponíveis no *Centro de Documentação, Imagem e Memória da Educação do Sudoeste do Paraná*. Anexo à UNIOESTE – campus Francisco Beltrão.



Como o texto é fragmento da dissertação de Cattelan (2014) utiliza-se da pesquisa como subsídio para discussão e problematização da temática.

3. A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA EM FRANCISCO BELTRÃO (1948-1981): UMA EXPERIÊNCIA POSSÍVEL?

As famílias que ocuparam a região Sudoeste do Paraná, especificamente Francisco Beltrão, eram compostas por migrantes sulistas, advindos dos Estados de: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e outras regiões do Paraná. Foram movidos pela necessidade de melhoria nas condições de vida e pela posse de terra. A posse de terra caracterizava produção, alimento, saneamento, saúde e educação, que foram ofertados pelo projeto de colonização e materializados na Colônia Agrícola Nacional General Osório – CANGO. Muitas comunidades foram formadas no território de Marrecas, que até 1952 era uma pequena vila pertencente ao município de Clevelândia-PR, hoje este território pertence ao município de Francisco Beltrão-PR, que se emancipou de Clevelândia-PR em 1952. (CATTELAN, 2014).

Com a migração extensiva para a região Sudoeste do Paraná, organizada pelos projetos nacionais estimulados pela CANGO, surgiu a necessidade de concretização do atendimento educacional primário as crianças filhas dos colonos. Aos poucos a Colônia foi construindo escolas e contratando professores. (CATTELAN, 2014).

A função exercida pela família na escola era primordial para o desenvolvimento da educação. Principalmente quando registravam seus dependentes em fichas de acompanhamento, disponibilizada pela CANGO, das quais serviam como organização e paralelo entre família, alunos e a Colônia. Estas fichas evidenciavam a demanda educacional existente em cada local e também a preocupação da família pela instrução de seus filhos. Segundo Cattelan (2019) a escola representou, no período, uma importância luta, que foi travada pelos povos rurais. Desde a sua instalação, construção, escolha dos professores e a própria participação da comunidade rural na escola.

Sobre esta questão, a professora Italina, que foi a primeira professora em Marrecas no ano de 1948, destacou o papel desenvolvido pela família na educação dos filhos naquele período, porque [...] *eles estudavam em casa, com as famílias também. Muitas coisas eles sabiam* (SCOTTI, 2013). Nas entrelinhas podemos perceber a importância da bagagem de experiências e conhecimentos atrelados a vida familiar. E o próprio processo de como se dá o conhecimento, não restrito a instituição “escola”.



O papel da família era fundamental no processo ensino-aprendizado. Essa prática permitia a socialização dos conteúdos entre o processo escolar e as experiências significativas vividas pela família neste período. Isso fica evidente no depoimento do professor Felix Padilha. *“Era gostoso. Você sabe que eu dava aula assim que chegava no fim do ano eu não sentia cansaço porque existia aquela amizade sabe?”* (PADILHA, 2013), se referindo ao contato carinhoso entre pais e alunos a partir de sua prática pedagógica. Ainda, o professor destaca que *“Os pais quando iam na Igreja, então eles contavam, o meu filho disse que aprendeu isso, que bom que o senhor está ensinando ele aquilo”* (PADILHA, 2013), destacando elementos importantes para se pensar no processo de aquisição e utilização do conhecimento adquirido na escola e a socialização do mesmo no seio familiar. O professor ainda destaca uma experiência vivenciada com a família de um aluno e que destaca os elementos supracitados.

[...] porque eu queria que o meu filho aprendesse matemática e não é que ele tá aprendendo mesmo, porque eu gostava de matemática, e daí eu ensinava eles, porque o que os pais queriam? Que um alunos desde a terceira série pelo menos soubesse, eles diziam assim, fazer conta de roça, era o [...] uma área, porque eu fiz uma empreitada, deu tantos metros assim, assim, assim, daí queria medir pra saber quantos metros quadrados dava e eu ensinava aquilo pra eles e eles aprendiam porque eles gostavam. – Eu tinha um pedacinho lá e meu filho fez a conta e deu isso e isso. E daí perguntavam pra mim se era verdade. – É verdade, deu isso mesmo? (PADILHA, 2013).

Fica evidente que a família esperava que a escola cumprisse um papel importante efetivando-se na vida dos sujeitos, principalmente no trabalho agrícola e para que a família não fosse ludibriada como ocorrido em várias ocasiões no Município (principalmente os motivos envolvidos na Revolta dos Colonos). A instrução representava um passo importante na vida dos sujeitos e por isso a importância atribuída.

As escolas multisseriadas foram organizadas e mantidas pela Colônia, desde 1948, e posteriormente, a partir de 1952, pelo município de Francisco Beltrão. Estas escolas seguiam um padrão, desde a construção dos prédios, a organização das turmas até o processo pedagógico. As escolas estavam localizadas nas comunidades e eram declaradas multisseriadas, ou seja, abrigavam classes de 1^a, 2^a, 3^a e 4^a séries em uma única sala de aula. Além disso, dispunham de apenas um professor para o trabalho concomitante com as quatro turmas. Poderiam funcionar em um, dois e até três períodos do dia. Os cursos noturnos destinavam-se



a instrução de jovens e adultos. Cada período poderia funcionar com até 60 alunos em uma única sala de aula.

Desta forma, os professores também destacam a questão de ordem e disciplina, que era um reflexo dos elementos na relação comunitária. Sobre estes elementos o professor Felix pontuou:

[...] você colocava os alunos em fila lá fora, eles entravam em fila, você chegava rezava com eles uma oração. Puxa! Aquilo era tão bom. Daí você dividia as meninas para um lado, os meninos para outro, as séries também eram separadas nas primeiras cadeiras vinham as primeiras séries, depois as segundas, as terceiras e a quarta série (PADILHA, 2013).

Quanto à disciplina dos alunos em sala de aula, a professora Italina recordou que, não tinha do que reclamar, pois tanto ela como os alunos sabiam que deveriam ocupar o máximo do tempo no ensino/aprendizagem. Eram [...] *tudo quietos, pois sabiam que tinha que aproveitar o tempo que a professora tinha para dar aula. Então eles faziam perguntas e estudavam o material.* (SCOTTI, 2013).

A fotografia a seguir representa uma turma escolar rural multisseriadas, da comunidade da Barra Bonita do Jacutinga, no início da década de 1950.

Fotografia nº01: Escola Barra Bonita – Jacutinga (década de 1950)



Fonte: Acervo Jornal de Beltrão e CATTELAN, 2014.



Mediante a fotografia foi possível observar uma turma de escola multisseriadas rural com trinta e quatro (34) alunos e uma clara divisão entre os sexos. Apesar do ensino não ser diferenciado para meninos e meninas, o professor Felix explicou “o porquê” desta divisão em algumas escolas,

É que na época era assim, era assim na Igreja, em todo lugar era assim, na Igreja também quando você ia, “Deus o Livre” um homem estar misturado com mulher, ou mulher com homem, era pecado, daí então na escola também era assim, não recebia uma instrução que tinha que ser, mas a cultura da época era assim, era essa (PADILHA, 2013).

Por meio dos relatos foi possível observar a clara aproximação de valores e culturas instaurados no próprio viver em comunidade. A educação, mesmo com limitações contribuía para a formação do cidadão (na religião) e o instruía para exercer lideranças na comunidade. As escolas rurais tornaram-se atrativos para os colonos que vinham para a região, pois seus filhos já dispunham de uma escola para a instrução elementar. Também selava uma aproximação entre escola e comunidade, formada pelos próprios sujeitos, que exerciam sua participação e transformação na comunidade.

Quanto a participação da família na vida escolar dos filhos, o professor Felix pontuou que todos os alunos da comunidade frequentavam a escola, mas que nem todos os pais participavam da vida escolar, e de alguns não havia incentivo para o estudo. Ainda, o professor destaca os motivos.

[...] não havia muito incentivo, porque muitos diziam assim, porque eu fui “burro” também e hoje trabalho na roça, aquela era a história que eles contavam. Mas eles iam, não sei se por indução, ou por compromisso, porque a gente falava muito na Igreja, quando a gente rezava lá com eles, a gente falava assim que os pais tem que mandar os filhos na escola, então eles mandavam (PADILHA, 2013).

Pela fala do professor é nítido que não existia uma homogeneidade de pensamento relacionado a educação e a função da escola. Algumas famílias ainda necessitavam satisfazer suas necessidades básicas, que era moradia e alimentação, necessárias para sua subsistência. A educação ainda ficava em segundo plano. Porém, com o tempo, a participação na comunidade e as melhora na condição de vida, o pensamento relacionado a educação mudava.



O professor Félix ainda destacou a relação de proximidade que estabelecia com as famílias dos alunos,

Eu gostava muito de ir visitar as famílias, por isso que eu tinha essa amizade, e depois relacionada com a Igreja também. Todo mundo ia, se encontrava na Igreja, então brincava e contava histórias juntos. Eu ia visitar, ia na casa deles, eles vinham na minha. Então havia essa socialização muito boa, era muito bom a gente dar aula, porque não tinha aquela criança de hoje, que é complicado né. [...] mas eu ia buscar criança em casa, eu ia na casa ver o que aconteceu que não veio? Eu cansei de ir na casa deles, conversar com os pais, então eu sempre tive essa relação de companheirismo e amizade com as pessoas (PADILHA, 2013).

Os elementos destacados pelo professor, nos remete a pensar sobre a comunidade e a própria inserção do professor neste contexto, pois o professor era um morador da comunidade, entendia dos anseios, valores, culturas e tradições das famílias. E também, dispunha deste relacionamento com os demais pois acreditava na educação fazendo assim a ponte entre escola e família.

Sobre a participação da família, apontados pelo professor Luiz, a professora Irene Vieira também destacou o relacionamento com as famílias e a participação no processo do conhecimento e do bom funcionamento da escola.

Então na ora de meio dia a gente ia almoçar na casa das famílias. Então eles, entre eles, fizeram uma reunião e combinaram assim, uma semana numa família, na outra semana outra família, então eu conheci todas elas, e a realidade de cada uma. Então assim ficou bem mais fácil você trabalhar com as crianças, por que você sabia, naquela família eles tem essa dificuldade, na outra tem essa, daí naquele período que a gente ficava na hora do almoço, eles iam contando a vida deles para a gente e tal. Daí foi adquirindo esse conhecimento ai ficou mais fácil de trabalhar. E creio assim que foi, eu só saí mesmo por que, claro, daí eu casei, também ficava mais difícil por que tinha a casa, e para você sair e deixar, e, eu morava do lado da escola aqui, daí não tinha sentido sair daqui e ir lá (VIEIRA, 2013).

A professora Irene destaca um elemento importante, e que foi observado em outras falas de professores, a questão de levar em consideração as dificuldades familiares e a relação com o processo de aprendizagem do aluno. O olhar do professor para o aluno e o partir de suas experiências para significar o conhecimento.



A foto número dois, abaixo, evidencia o acompanhamento da família na vida escolar dos alunos em uma reunião realizada na escola. Segundo o relato dos professores, muitos pais mesmo sem ter a instrução básica ou analfabetos, valorizavam os estudos e a aprendizagem dos filhos. Pois viam na educação uma forma de ascensão, mudança de certas condições sociais e melhor trabalho com a agricultura, que representava o saneamento das necessidades básicas.

Fotografia nº2: Reunião com as mães dos alunos – 1976



Fonte: Acervo pessoal de Irene Vacari.

Sobre as faltas em alguns períodos do ano letivo, a professora Irene enfatiza o auxílio que os filhos davam no próprio processo de prover o alimento e também nas questões domésticas da casa:

As vezes faltavam bastante, né, conforme o serviço que eles tinham, as vezes tinha colheita, começava chover ou muito frio, daí eles seguravam os filhos pra cuidar dos irmãozinhos, a gente fazia reunião e colocava né, você tem que mandar, pelo menos 2 horas, depois de 2 horas a gente manda eles fazer o que precisa [...]. Mas daí eles concordavam em mandar o dia todo porque precisa, precisava aprender (VIEIRA, 2013).



A participação da família nas atividades escolares foi de fundamental importância para a instrução recebida nas escolas rurais, tanto na Colônia quanto nas escolas criadas pelo município. Certamente, o apoio dos pais e da comunidade serviram para fortalecer a escola rural, tornando-a acessível a todos e, constituindo-se com o passar do tempo como parte da comunidade.

A resistência de alguns pais ainda existia, embora a educação fosse um direito, o filho era o único meio de ajuda na produção agrícola e estudar meio período fazia falta para ajudar no trabalho da roça.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se que, aquilo que foi traçado como objetivo nesse trabalho, de analisar e discutir o acompanhamento familiar nas escolas rurais multisseriadas do município de Francisco Beltrão tenha sido concretizado. Tem-se claro, que não é uma tarefa fácil resgatar historicamente os elementos organizacionais da educação e das escolas, a partir das experiências e das práticas dos sujeitos que a construíram. Mas, acredita-se que tenha sido apresentado o que foi proposto.

É evidente que a participação e acompanhamento da família na escola era fundamental para o processo de ensino-aprendizagem e o próprio trabalho do professor. Trazendo influências do modo de pensar, dos valores, culturas e a própria organização da comunidade.

Cabe salientar que a participação da família e a busca do professor na mediação do conhecimento, a partir das experiências dos sujeitos, significava a educação e os conhecimentos apreendidos na escola. Desta forma, os alunos utilizavam os conhecimentos na própria relação com o trabalho e no seio da família.

Sem dúvida, a escola primária rural multisseriada, em Francisco Beltrão, bem como em outros lugares, contribuiu para a formação integral dos sujeitos, inseridos no processo educativo e a família teve papel essencial nessa etapa formativa.

5. REFERÊNCIAS

CATTELAN, Carla. **Educação rural no município de Francisco Beltrão entre 1948 a 1981**: a escola multisseriada. Francisco Beltrão-PR: Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, 2014. (Dissertação de Mestrado em Educação).



BEDIN, Luiz. Francisco Beltrão, **entrevista concedida no dia:** 30 de junho de 2013 à Carla Cattelan.

MEIHY, José C. S. Bom. **Manual de História Oral.** Edições Loyola. 1996.

PADILHA, Félix. Francisco Beltrão, **entrevista concedida no dia:** 19 de novembro de 2013 à Carla Cattelan.

SCOTTI, Italina, Z. Francisco Beltrão, **entrevista concedida no dia:** 10 de junho de 2013 à Carla Cattelan.

VIEIRA, Irene Vacari de Souza. Francisco Beltrão, **entrevista concedida no dia:** 19 de setembro de 2013 à Carla Cattelan.